

Apontamentos estratégicos sobre o consumo do livro digital*Strategic notes on the consumption of digital books*

Leandro da SILVA¹
Wilton GARCIA²

Resumo

O presente texto aponta para um estudo crítico-reflexivo acerca de novas tendências e repercussões de consumo do livro digital – *e-book*. Do ponto de vista comunicacional e tecnológico, o objetivo é pensar a respeito da passagem do impresso ao digital, para atender novas demandas com a internet do usuário-interator: estudantes, pesquisadores, professores, profissionais. Aqui, o percurso metodológico qualitativo, empírico, enfoca o exercício de observar, descrever e discutir nossa temática, em formato ensaio. Ao longo do texto, foram elencadas estrategicamente duas categorias discursivas (experiência e subjetividade), as quais enunciam os *estudos contemporâneos*, estimulados pela expectativa de atualização e inovação como produção de conhecimento e informação. As resultantes problematizam o acesso à leitura digital (virtual, online), ao relacionar as hipermídias e as práticas socioculturais, sobretudo no âmbito emergente da produção tecnológica.

Palavras-chave: Biblioteca. Livro digital. Consumo. Contemporâneo. Tecnologia.

Abstract

This text points to a critical-reflective study about new trends and repercussions of digital book consumption – *e-book*. From a communicational and technological point of view, the objective is to think about the transition from print to digital, to meet new demands with the internet of the user-interactor: students, researchers, teachers, professionals. Here, the qualitative, empirical methodological path focuses on the exercise of observing, describing and discussing our theme, in an essay format. Throughout the text, two discursive categories were strategically listed (experience and subjectivity), which enunciate contemporary studies, stimulated by the expectation of updating and innovation as production of knowledge and information. The results problematize access to digital reading (virtual, online), when relating hypermedia and sociocultural practices, especially in the emerging field of technological production.

Keywords: Library. Digital book. Consumption. Contemporary. Technology.

¹ Mestrando em Educação pela Unifesp, Professor e Bibliotecário da Faculdade de Tecnologia [Fatec] de Itaquaquecetuba. E-mail: leandro.silva193@fatec.sp.gov.br

² Doutor em Comunicação pela ECA-USP e Pós-Doutor em Mídias pelo IA/Unicamp. Professor da Faculdade de Tecnologia [Fatec] de Itaquaquecetuba. E-mail: 88wgarcia@gmail.com

Introdução

Práticas referentes à leitura digital (virtual, online) transformaram-se com a chegada do livro digital – o *e-book*. As pessoas passam horas lendo livro, revista ou jornal impresso, quando era apenas tinta no papel. Agora, o fluxo de dados percorre as infovias da cultura digital (re)equacionada por algoritmo, computador quântico, internet das coisas, redes sociais, robótica, *smartphone*, aplicativos hipermidiáticos. Essa cultura sinaliza uma realidade pautada por contradições, controvérsias e paradoxos, que demonstram fragilidades. Do ponto de vista comunicacional e tecnológico, adjetivar hipermídia, transmídia, intermídia, crossmídia e/ou pós-mídia pressupõe derivações contemporâneas.

Por certo, as plataformas hipermidiáticas modificam o modo de existência do sujeito, objeto e contexto ao atravessar o analógico para atingir o virtual. Mesmo assim, diversos materiais impressos (analógicos) sobrevivem aos meios tecnológicos (virtuais) e suas modificações recorrentes. Em outras palavras, essas plataformas trazem novidades que o material impresso não consegue acrescentar como o hipertexto, o qual oferece mais informações. O objetivo é pensar a respeito da passagem do impresso ao digital, para atender novas demandas com a internet do usuário-interator: estudantes, pesquisadores, professores, profissionais. Aqui, o percurso metodológico qualitativo, empírico, enfoca o exercício de observar, descrever e discutir nossa temática, em formato ensaio. Tal percurso abrange teoria e prática (e vice-versa), em uma investigação aplicada pela lógica de coordenadas recursivas entre o pensar (*saber*) e o agir (*fazer*), que se complementam.

Ao longo do texto, foram elencadas estrategicamente duas categorias discursivas (experiência e subjetividade), as quais enunciam os chamados *estudos contemporâneos* (CANCLINI, 2016, 2008; CASTELLS, 1999; GUMBRECHT, 2015; SODRÉ, 2014; VILLAÇA, 2018), estimulados pela expectativa de atualização e inovação como produção de conhecimento e informação. No contemporâneo, práticas socioculturais são alteradas conforme se estabelecem “novas/outras” dinâmicas. Para além de espaço-tempo, a noção de contemporâneo prevalece-se de uma complexidade que acentua a produção de efeito.

As resultantes problematizam o acesso à leitura digital (virtual online), em particular no universo da biblioteca. Todavia, este trabalho desenvolve três pontos: 1) Livro Digital – o Objeto; 2) Biblioteca Virtual – o Ambiente; e 3) Consumo Online – a Ação. São pontos a serem abordados e discutidos, conforme nosso escopo.

Livro digital – o objeto

O objeto livro deve ser visto/lido como depositário de informação eleito na cultura do consumo. E se transforma em aparato hipermediático; apesar da força material do livro físico, ainda, ser grande na sociedade contemporânea. Um livro pode propiciar uma leitura que transpõe o viver porque transforma vidas (CANCLINI, 2008; 2016). Por isso, livro e tecnologia encontraram-se promovendo formatos inimagináveis, cujo enlace reverbera novas possibilidades de enunciados. Ao escrever a respeito da computação, Coelho (2019, p. 28) informa que:

A técnica muda a cultura, escreveu Marx, o que fica confirmado mais uma vez: a cada nova técnica, um novo mito, uma nova cultura, um novo produto – alguns na forma virtual de uma imaginação manifestando um desejo e outros apresentando-se como a concentração imediata e acessível do novo formato, como neste século 21.

Entre técnica e cultura, o mercado editorial questiona a possibilidade alarmante de o livro de papel acabar. Muitas editoras acreditaram no fim do livro impresso, ao surgir o formato de plataformas hipermediáticas, as quais foram estabelecidas para livro digital – o *e-book*. Por consequência desse mercado em transformação, comentários superficiais do senso comum ditavam que o livro impresso não permaneceria com a inovação tecnológica do livro digital. Embora, materiais impressos continuem disponíveis, superando a metáfora de uma morte anunciada. No uso do livro, Canclini (2008, p. 56) questiona:

Por que as campanhas de incentivo à leitura são feitas só com livros e tantas bibliotecas incluem somente impressos em papel? As pesquisas sobre consumo cultural não endossam mais as preocupações de alguns anos atrás: se vão desaparecer os livros e os periódicos ou como conseguir que os jovens leiam mais. Os números da leitura de livros, revistas e jornais em papel são baixos na maioria dos países, mas nem sempre caem.

A citação sugere a maneira versátil de lidar com os diversos aparatos, cujo impacto da mudança perceptível aflora o modo de leitura. No avanço tecnológico, as pessoas teclam para escrever e ler nos dispositivos virtuais, quase simultaneamente, alterando o padrão normativo de produção de conteúdo na internet e nas redes sociais. Por isso, atualizar a experiência humana requer produzir novas subjetividades, bem como novos formatos digitais como produção de conhecimento e informação.

Quando pensamos no conceito de livro digital, relacionamos o desenvolvimento de tecnologias emergentes na produção, circulação e armazenamento de dados: a informação (re)composta por códigos binários (0-1). Conforme Flatschart (2014, p. 24), “os formatos de arquivo de texto com ou sem formatação – TXT, RTF, DOC, ODT entre outros – são formatos flexíveis e práticos”, por isso são mais utilizados pela funcionalidade operacional.

Conhecidos como *e-book*, um livro digital pode ser visto/lido em diversos dispositivos como *e-readers*, computadores, *tablets*, *smartphones* entre outros. Volumes de dados podem ser agrupados em apenas um arquivo no computador, para ativar/virar a página basta um toque na tela digital. Em busca de aperfeiçoamento, o *e-book* mudou o conceito de livro, aprimorando a performance interativa do usuário-interator. E isso interfere na história do livro (CANCLINI, 2016).

Em razão do aumento na participação no mercado brasileiro, em 2021, o livro digital (*e-book*) obteve faturamento de R\$ 125 milhões (BOOKDATA, 2022), assimilando o uso mais integrativo dos dispositivos virtuais. Ainda que haja diferentes livros disponíveis na internet, devido aos aparelhos à disposição no mercado editorial, tais como: leitor de livro digital em *smartphones*, *tablets*, entre outros. Segundo Mesquita (2018), o mercado livreiro no Brasil tem procurando melhorar e o livro digital representa um aumento expressivo nas vendas no território nacional (BOOKDATA, 2022).

Ler não é mais somente entender palavras e frases. Também é saber usar ícones de navegação, barras de deslocamentos, janelas, menus *hyperlinks*, funções de busca de texto, imagem e música, mapa de *sites*. O texto eletrônico, como hipertexto, também depende de decisões de mercado? A interação pode ser com um ambiente de autoria, ou seja, um conteúdo fixado por uma empresa, uma instituição ou um indivíduo somente para obter informação ou comprar, e pode se dar modificando o conteúdo, comunicando algo não predeterminado, como ocorre em e-mails, blogues ou fóruns (CANCLINI, 2016, p. 34).

Se a dinâmica da leitura intercambiou, a experiência (fragmentada e não linear) contemporânea contribui para tal feito. O costume da leitura sofre alterações, uma vez que o modo como se lê pode ser outro, de agora em diante, com a cultura digital. A diferença entre o livro impresso e o digital está no aprofundamento da experiência para propiciar a produção de conhecimento e informação. Muito usuário-interator já prefere ler textos no formato digital. De fato, a (re)dimensão entre analógico e digital não cause, talvez, tanto entusiasmo a quem é tradicional no quesito leitura.

Diferentes perspectivas multi ou interdisciplinares, como indica a citação, somam as várias vozes alternativas destoantes que diversificam pontos de vistas, cujo papel da biblioteca seria salvaguardar esses dados. Categorizar a diferença a partir da ciência da informação auxilia na capacidade de oferecer uma resposta plausível ao sistema tecnológico. Santos, Innarelli e Sousa (2012) asseguram que não importa o suporte tecnológico em que a informação está registrada e, sim, vale o conteúdo em si, a mensagem a ser consumida ou repassada. Santos, Innarelli e Sousa (2012, p .41) afirmam:

O primeiro passo para elaboração de uma política de preservação digital é a forma de uma equipe multidisciplinar ou interdisciplinar, a qual ficará responsável pelo estabelecimento de uma política de preservação digital compatível com a realidade da instituição e as necessidades de cada área.

Mas, não era para o livro em formato digital liquidar com o impresso? Pesquisas mostram que (BIBLIOMUNDI, 2019) as duas modalidades (*e-book* e impresso) coexistem razoavelmente. Afinal, seria interessante aproximar o livro impresso e o livro digital, objetivando a qualidade da formação do sujeito. Assim, torna-se instigante destacar experiência e subjetividade – aqui enunciadas como categorias – para promover a leitura de livro (impresso e/ou digital), bem como questões que envolvem disponibilidade de acesso à informação, em especial na internet. Com a expansão de aparelhos eletrônicos como *e-reader* (leitor virtual), o livro digital transforma-se em uma tecnologia facilitadora. Isso ocorre principalmente para pessoas especiais, como os deficientes visuais, que contam com instrumento portátil de leitura em áudio. Essa comodidade aumenta o acesso à distância de informação (GUMBRECHT, 2015).

O livro digital comercializa apenas seu uso (virtual), nunca a sua posse (material). Essa é a frustração porque não tem pleno direito ao bem que adquire. O

digital parece tirar o prazer de quem gosta da sensação de folhear página por página, recolhe o sentimento de posse, reduz o sentimento preenchido de prazer que muitos sentem ao tocar, cheirar.

Em tempos de crise e recursos limitados, vale escolher entre um ou outro. De acordo Lima (2018), porque não pensar nas duas possibilidades. Por um lado, o livro digital, graças às inovações tecnológicas, está acessível a um maior público, o que seria vantajoso para editoras e autores. Por outro, o livro impresso, apesar das editoras terem recursos disponíveis para imprimir e distribuir, tem um maior custo. Por isso, a ideia de livro digital sobressai como formato alternativo, mais ágil, para que chegue ao consumidor.

Biblioteca virtual – o ambiente

No Brasil, as bibliotecas receberam recursos tecnológicos para novas demandas. Nas últimas décadas, o mundo perpassa por transformações de projetos que denominamos de biblioteca virtual, com diversos conteúdos distribuídos em rede. Essas transformações facilitam acesso, disseminação e recuperação de dados. Metaforicamente, como torre de babel na sua estrutura organizacional, a biblioteca passou a ser mais que um espaço físico de qualquer instituição acadêmica e conta com coleção de obras virtuais. O que denomina a biblioteca virtual são as mudanças tecnológicas e atividades de conexão na rede, não a mera função de empréstimo de obras como prestação de serviço para determinado público. O mundo digital não substitui a biblioteca, pois acrescenta outras opções de arquivamento, recuperação e disseminação da informação. Tal substituição seria impossível, pois proposições distintas geram novas experiências hipermidiáticas (SODRÉ, 2014).

Não basta comentar avanços da internet contribuindo na criação de acervos virtuais. Castells (1999, p. 82) ressalta que “a criação e o desenvolvimento da internet nas três últimas décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural”. Ou seja, a rede mundial de computadores, assim, cumpre um papel comunicacional de práticas socioculturais preocupadas com o desempenho humano.

O número de pessoas que tem acesso à rede e sua utilização se modificou, bem como suas características. São R\$ 152 milhões de vendas de *e-books*, em 2021 (LEÓN,

2021), contra mais de 33 milhões de pessoas que vivem na exclusão digital (INSTITUTO LOCOMOTIVA; CONSULTORIA PWC, 2022). A internet começou com uma questão acadêmica e, nos anos 1990, se descobriu a internet comercial – uma nova era econômica emergiu com a oferta de serviços das empresas pela internet e, em seguida, veio o aspecto mais social. A internet disponibiliza a informação, seja útil ou não (CASTELLS, 1999).

A biblioteca virtual cresceu em meio a expansão da internet, muitas instituições investem em portais eletrônicos e websites tentam torná-la mais dinâmica e mais próxima das pessoas (o usuário-interator), muitas vezes recebendo *feedback* desse sujeito que interage nas plataformas hipermidiáticas. Sendo assim, universidades que agregam valor ao tripé ensino, pesquisa e extensão fornecem mais qualidade e acesso à distância da informação, em tempo integral, utilizando-se da biblioteca virtual como ferramenta de apoio educacional, a fortalecer o escopo acadêmico, científico, tecnológico.

A biblioteca modificou-se através dos séculos e da história. E isso não pode ser cancelado, alterado e atualizado. Processos mudam com a demanda. Assim, a biblioteca virtual ganha espaço no mundo acadêmico, focada na preservação digital, uma vez que protege a informação. Para Sayão et al (2005, p. 21), preservação digital é um “conjunto de ações técnicas, gerenciais e administrativas destinadas a manter a integridade e a acessibilidade de objetos digitais de valor contínuo, pelo tempo que transcenda as mudanças tecnológicas”. Com as tecnologias surgem diferentes suportes, como: CDs, Pen drives, HDs internos e externos, entre outros. Isso faz com que as instituições adotem políticas de preservação digital (MCCARTHY C., SCHMIDT, 1994).

No Brasil, a universidade mantém banco de teses e dissertações, além de institutos que aprimoram suas bibliotecas virtuais. Um exemplo é o Centro Paula Souza (CPS), que administra 71 faculdades de tecnologia (Fatecs) e 212 escolas técnicas (Etecs) distribuídas no estado de São Paulo. Por meio do Núcleo de Biblioteca do Centro de Gestão Documental (NB/CGD), o CPS contratou, em 2018, o serviço de assinatura de acesso ao banco de dados da empresa Minha Biblioteca pelo período de 30 meses. São cerca de 6.500 títulos de obras digitais (*e-books*) para 10.000 licenças atender a comunidade acadêmica entre docentes e discentes. O controle e a demanda são administrados por profissionais bibliotecários de biblioteca física de cada Unidade de

Ensino. Na Fatec de Itaquaquecetuba, esse acesso compreende diversas atividades acadêmicas universitárias.

Segundo Mccarthy (1990), o Brasil possui uma tradição nos serviços biblioteconômicos, funcionando na maioria das cidades de médio e grande porte, em diferentes regiões geográficas, que contam com sistemas de automação de bibliotecas. Nos últimos anos, a biblioteca virtual tem impactado no setor de biblioteca e informação (CUNHA, 1999). O Instituto Brasileiro de Informação e Tecnologia (IBICT) desempenha suas atividades avançadas, como o portal Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que disponibilizou, em 2001, o acesso às teses e às dissertações digitalizadas (SAYÃO, L. et al, 2005).

Dito de outro modo, a biblioteca virtual executa informações acessíveis ao crescente número de usuário-interator da internet. Ao considerar como a biblioteca virtual acolhe documentos primários ou digitalizados, seu escopo tangencia seleção, organização e distribuição de informação como espaço complexo de mediação entre materiais e sujeitos capaz de balizar a produção de conhecimento e informação atrelada à tecnologia.

Consumo online – a ação

A decisão de escolher entre livro impresso ou digital refere-se o quanto o/a consumidor/a pode investir de capital. Porém, existem pessoas que acham desinteressante fazer leitura em computador, *smartphones*, *tablet*, entre outros, apresentando diferentes justificativas. Inclusive, em contrapartida, outras pessoas nem conseguem investir em aparelhos tecnológicos e consumir livro digital. Contudo, os que consomem as duas formas (material e digital) investem em determinados valores: econômico, financeiro e, também, intelectual, acadêmico, formativo.

De acordo com Hanns (2015), existem excluídos e autoexcluídos em se tratando de uso de mídias sociais, no Brasil e no mundo. O autoexcluído evita mídias sociais e não deixa rastros sobre sua vida pessoal, dificultando o mercado de criar estratégias para atingir esse consumidor. No consumo de livro digital, a ideia não muda, o autoexcluído parece não gostar tanto da leitura digital, visto que esse tipo de leitura se torna cansativa e não sente a mesma sensação quando lê o livro impresso. Já o excluído nem sempre possui recurso para adquirir tecnologias atualizadas.

Nesse caso, uma pessoa pode se excluir somente para livro digital, integrando-se para outras tecnologias emergentes. Mesmo assim, a tecnologia leva a leitura a mais pessoas e lugares privilegiados; o que reforça a desigualdade social e econômica no país, pois a cultura digital não está, ainda, disponível para todos. Há também aqueles resistentes às novidades, preferindo não utilizar essa forma tecnológica de leitura. Portanto, não consegue investir em tecnologia, porque está desprovido de capital (SODRÉ, 2014; VILLAÇA, 2018). Este último vislumbra apenas o próprio capital.

Não acredito que a troca do livro de papel pelo eletrônico seja inócua, simples troca de “envoltório”, mas também de conteúdo. Não tenho como demonstrá-lo, mas desconfio que, quando os escritores escreverem literatura virtual, não escreverão da mesma maneira que vieram escrevendo até agora, pensando na materialização de seus escritos nesse objeto concreto, tátil e durável que é (ou nos parece ser) o livro. Algo da imaterialidade do livro eletrônico contagiaria seu conteúdo, como ocorre com esta literatura canhestra, sem ordem nem sintaxe, feita de apócopos e gíria, às vezes indecifrável, que domina o mundo de blog, twitter, facebook e outros sistemas de comunicação através da rede, como se seus autores, ao usarem esse simulacro que é a ordem digital para se expressar, se sentissem libertos de qualquer exigência formal e autorizados a atropelar a gramática, o bom senso e os princípios mais elementares da correção linguística (VARGAS LLOSA, 2012, p. 186-187).

Na citação, o autor explora o intercâmbio do analógico ao digital, ponderando distintas influências de cada dispositivo, do papel às redes sociais. Esse intercâmbio demonstra um período histórico específico para se compreender a adaptabilidade humana à (re)dimensão digital. Disso, vale pensar acerca das melhores maneiras de se consumir livros, sobretudo o *e-book*. Eis a questão: há fatores pessoais ou institucionais quando se trata de disponibilidade, sociedade e economia no consumo online (COELHO, 2019; QUINTARELLI, 2019).

Por essas questões, o entusiasta tem apego ao impresso. Possuir um livro físico (impresso) acaba construindo uma história, uma narrativa, com seu possuidor e as páginas de leituras que, com o passar do tempo, ficam amareladas, rabiscadas. Nesse caso, o livro torna-se algo pessoal, até íntimo, para alguns leitores, talvez, mais sensíveis.

Com a tecnologia digital, produzir, reproduzir, armazenar e transferir “livros” não tem custo nem prazo. O futuro dos livros também é afetado por outras possibilidades imateriais: são não rivais e não exclusivos. Como resultado, a tradicional forma de propriedade é substituída por uma licença de uso. As plataformas de e-books, na verdade não vendem livros (sejam físicos ou digitais). Elas concedem licenças de uso para arquivos que apresentam o conteúdo anteriormente impresso nas páginas de um livro (QUINTARELLI, 2019, p. 149).

Ainda que a aquisição de livro digital está em expansão, as vendas dos impressos são mais relevantes, liderando o *ranking* contra o digital. Em 2021, são 409 milhões de exemplares impressos contra 9,4 milhões de *e-books*, gerando um total de 5,8 bilhões (BOOKDATA, 2022). Apesar da crise comercial do setor editorial, as compras de *e-book* estão crescendo, oferecendo intimidação ao impresso. Como já posto, em 2021, o livro digital (*e-book*) obteve faturamento de R\$ 125 milhões (BOOKDATA, 2022).

Sobre a escolha no formato ideal de livro (impresso e digital), provavelmente, o mais relevante seria utilizar os dois formatos como fonte de pesquisa, conhecimento e informação de maneira consciente. Seria explorar as potencialidades de cada formato a ser indicado. Ainda que haja, sim, consumidores para os dois tipos de produto, tanto impresso quanto digital. De modo geral, é preciso ter flexibilidade no consumo contemporâneo para tangenciar as condições adaptativas do sujeito no mundo. Ou seja, trata-se de um estado intermediário de preferências, decisões e escolhas dedicado à experiência cultural de leitura que provoca determinada produção de conhecimento e informação.

Discussão

O livro digital emerge como estratégia de leitura digital (virtual, online), apoiada pela biblioteca virtual. Consumir o livro digital requer se atentar ao desafio de atualização da cultura digital, em particular ao cotidiano da educação tecnológica (VILLAÇA, 2018). Nas mãos de um estudante, pesquisador, professor, a plataforma hipermediática (*smartphone*, *tablet* ou computador) se transforma em ferramenta e gera nova expectativa.

Ao escrever acerca de leitores, espectadores e internautas, Canclini (2008, p. 58) assegura: “fazer lição, estudar, informar-se e enviar ou receber mensagens estão entre as atividades principais. Todas são formas de leitura e escritura. Distrair-se, ouvir música e jogar ocupam tempos significativos, mas não são os usos mais absorventes”. O universo da tela digital enquadra uma realidade artificial projetada para esquematizar ergonomicamente a experiência virtual que traga agradabilidade, segurança, conforto e satisfação. Mas, não se pode considerar apenas o que o livro digital oferece como atributo na forma de propiciar essa experiência. Afinal, um livro precisa ressaltar conteúdo peculiar de qualidade.

Mesmo com as tendências tecnológicas em constante transformação, ainda há dúvida a respeito do que se prevalece. As leis brasileiras são burocráticas em relação aos materiais em meio digital, ao restringir a digitalização de qualquer obra. Para obra já existente, a digitalização deve ser mediante a autorização do autor e do editor. Caso o autor tenha falecido, são setenta anos após sua morte, contando a partir do ano subsequente, para que seja disponibilizada a obra digitalmente sem custos e autorizações.

O livro digital contém restrição de circulação virtual. Por isso, muitas editoras colocam limitações e regras de uso, mediante a lei de direitos autorais e para não perderem receita pelo compartilhamento de arquivo. Não é como o livro impresso que passa adiante, emprestado, quando termina a leitura. Caso o livro digital seja disponibilizado – por exemplo, por um professor em rede de sua instituição de ensino, ainda que seja sem fins lucrativo – seria violação à lei de direitos autorais.

Por um lado, nem todas as pessoas possuem recursos tecnológicos para ativar o consumo online de livro digital ou da biblioteca virtual. Vale investigar o potencial criativo para buscar alguma solução tecnológica, no enfrentamento desse problema de desigualdade social no país. Por outro, com a globalização, a rapidez faz-se necessária para se obter informação; e de preferência fidedigna, sem desinformação. Logo, examinemos a fonte.

Considerações finais

Se, na contemporaneidade houve mudança na forma de ler, é fundamental investigar esse processo. Como gosto e interesse, ler abrange a oportunidade de visitar o

desconhecido, tangenciar o estranho e a partir dessa experiência provocar transformações. Indiscutivelmente, a leitura possibilita um ganho expressivo na produção de subjetividade; assim como a escrita em evidência. Por isso, o interesse em discutir acerca de livro digital, biblioteca virtual e consumo online como tópicos que acenam ao crescimento da cultura digital no Brasil. O Governo do Estado de São Paulo acaba de lançar o website <biblion.org.br> com mais de 15 mil exemplares para leitura.

O livro físico, ainda, tem uma força no mercado editorial. Muito embora, observa-se o crescente desenvolvimento do livro digital que, cada vez mais, oferece um conjunto de materiais consistentes à educação atual. Esta última utiliza-se de estratégias tecnológicas para avançar no processo de ensino-aprendizagem. E se o didático-pedagógico necessita de mudança, por conseguinte, precisamos mudar como comunidade acadêmica para atualizar as metas na formação do sujeito no mundo.

E a biblioteca virtual está se tornando uma tendência em crescimento de visitas e adesões pelas redes sociais (de cooperação, colaboração e compartilhamento de conteúdos), visto que sua articulação estratégica se assegura por código e senha, os quais possibilitam o acesso aos diferentes conteúdos e setores na internet. A biblioteca, então, abre as portas para que o usuário-interator desfrute dessa oportunidade que fortalece a leitura. Pode ser, por exemplo, o acesso a um capítulo isolado ou um texto curto, desde que o faça para aprofundar suas ideias e avançar sua produção tecnológica.

Uma informação privilegiada, para quem tem acesso, pode gerar recursos. Ainda que, o acesso à informação, agora, parece ser mais fácil aos que conseguem ativar determinados patamares. No momento de explosão da informação para mais leitores e pesquisadores, precisamos (re)unir forças com as tecnologias emergentes como internet, livro e biblioteca virtual. De modo geral, as resultantes deste ensaio problematizam o acesso à leitura digital (virtual online), sobretudo no âmbito da produção de conhecimento e informação na educação tecnológica. Portanto, estabelece-se uma escrita comprometida com as adversidades do entorno indicado, entre as categorias experiência e subjetividade, pois seria mais imprudente ficar reticentes frente aos desafios contemporâneos.

Referências

- BOOKDATA, N. **Produção e vendas**. Ano Base 2021. Câmara Brasileira do Livro, maio de 2022. Disponível em: https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2022/05/apresentacao_imprensa_Final.pdf. Acessado em: 20 mai 2022
- CANCLINI, N. G. **O mundo inteiro como lugar estranho**. São Paulo: EdUSP, 2016.
- CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COELHO, T. **eCultura, a utopia final: inteligência artificial e humanidades**. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2019.
- CUNHA, M. B. da. **Desafios na construção de uma biblioteca digital**. Ci. Inf., Brasília, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a3.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2020.
- FLATSCHART, F. **Livro digital etc.:** descubra a nova forma de leitura que está mudando o mundo. Rio de Janeiro: Brasport, 2014.
- GUMBRECHT, H. U. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Unesp editora, 2015.
- HANNS, D. K.; GARCIA, W. **#consumo_tecnológico**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2015.
- INSTITUTO LOCOMOTIVA; CONSULTORIA PWC. Mais de 33 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, diz pesquisa. **Portal G1**, março 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>
- LEÓN, L. P. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet. Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Agência Brasil**. 23 ago 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet#:~:text=Pesquisa%20promovida%20pelo%20Comit%C3%AA%20Gestor,7%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019>. Acesso em: 20/05/2022.
- LIMA, J. D. de. Como é a experiência de ter livros físicos ou e-books, segundo este estudo. **Nexo Jornal**, jun. 2018. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/06/05/Como-%C3%A9-a-experi%C3%Aancia-de-ter-livros-f%C3%ADsicos-ou-e-books-segundo-este-estudo>> Acesso em: 06 abr. 2020.

LIVRO digital ou impresso? esqueça essa disputa. **Bibliomundi**, 2019. Disponível em: <<https://bibliomundi.com/blog/livro-digital-ou-impresso-esqueca-essa-disputa/>> Acesso em: 06 abr. 2020.

MCCARTHY C. Levantamento geral da automação de bibliotecas no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 18, n. 2, p. 51-57, 1990.

MCCARTHY C., SCHMIDT, S. Inovação e mudança tecnológica nas bibliotecas brasileiras: a década de noventa. **Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 17. Belo Horizonte, 1994.

MESQUITA, M. Perspectivas sobre o mercado do livro digital no Brasil: será o fim do papel impresso? **Folha de Pernambuco**. Jul. 2018. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/literatura/2018/07/22/NWS,75581,71,585,DIVERSAO,2330-PERSPECTIVAS-SOBRE-MERCADO-LIVRO-DIGITAL-BRASIL-SERA-FIM-PAPEL-IMPRESSO.aspx>> Acesso em: 02 abr. 2020.

MORAIS, K. C. S. Bibliotecas digitais. In: LIMA, Gercina Ângela de (org.). **Bibliotecas digitais: novas tendências na navegação em contexto**. Rio de Janeiro: Interciência, 2018. p. 70-72.

QUINTARELLI, S. **Instruções para um futuro imaterial**. São Paulo: Elefante, 2019.

REDAÇÃO. Tendências de ebooks para 2019 - **Blog Bibliomundi**. Disponível em: <<https://bibliomundi.com/blog/tendencias-de-ebooks-para-2019/>>. Acesso em: 04. abr. 2020.

REGIT, Revista de Estudos em Gestão, Informação e Tecnologia. Fatec Itaquaquecetuba. <http://www.fatecitaqua.edu.br/revista/index.php/regit>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SANTOS, V. B. dos; INNARELLI, H. C.; SOUSA, R. T. B. de. **Arquivística temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. 3. ed. Distrito Federal: Senac, 2012.

SAYÃO, L. et al. **Bibliotecas digitais: saberes e práticas**. Salvador: EDUFBA; Brasília: IBICT, 2005. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/1013>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VARGAS LLOSA, M. **La civilización del espectáculo**. Buenos Aires: Aguilar: Altea: Taurus: Afaguara, 2012.

VILLAÇA, N. **O consumo da cultura: comunicação e performance**. São Paulo: Cores e Letras, 2018.